

A minha viagem ao Porto

«Aterrei» no Porto a primeira vez há cerca de 46 anos! Imaginem o que se passa com uma adolescente de 18 anos que sai pela primeira vez, do seu «planeta» de nascimento – Angola (Luanda)!

A primeira sensação é de habitar num espaço muito mais pequeno sem aquelas grandes planícies....depois o clima, cheguei no Inverno, em Angola não é tão frio e só há 2 estações, assim pela primeira vez tenho a sensação das 4 estações (hoje já não é assim).

A Primavera e o Outono foram o meu deslumbre! A chuva miudinha no Porto a minha angústia!

Em 1964, entro na E.S.B.A e tenho as primeiras aulas. A escola e a cidade viriam a marcar-me profundamente....

Estávamos na ditadura, coisa que em Angola não se sentia... a escola (considerada a melhor do País) estava ainda mais exigente!

Foi uma grande batalha! Ajudou-me a conhecer minha faceta de enfrentar desafios com coragem, determinação, muita disciplina e sobretudo com muito trabalho! Trabalhar mesmo até ao limite!

Foi um desafio por várias razões, as mentalidades eram completamente diferentes, eu falava directamente o que pensava e questionava os professores – nada disto era normal! Lutava contra um espartilho Universitário e por isso era considerada uma contestatária! Várias notas sobre a minha expulsão foram escritas pelos professores e iam parar à secretária do Director – o Arquitecto Carlos Ramos. Esse sim! Tinha outra mente – mais aberta. Depois de termos uma pequena conversa, os Professores, foram confrontados com as perguntas dele: «Ela trabalha? Ela não é malcriada? Não! (responderam) e trabalha por seis! - Então deixem lá a rapariga!» E assim cumpri a minha missão: trazer o diploma para Angola sem reprovar nenhum ano.

Graças às discussões que tive com o Prof. Tito Reboredo a exigir-me cada vez mais e mais desenhei tanto que de medíocre, passei a ser uma das melhores da turma, (mas o que trabalhei!)

O Prof. Resende também foi muito importante! Discordava da minha escolha das cores e as problemáticas sobre a composição, os meus colegas estavam todos a pintar com cores escuras e eu com cores gritantes, foram célebres a minha combinação das cores – rosa e laranja....eu era uma aberração! Mais tarde, 15 anos depois, fui à inauguração de uma

exposição, em Lisboa, do Mestre Resende e vi nos seus quadros a utilização dessas cores!

(Tinha ido ao Brasil!), não me contive: então Mestre que tal o rosa e o laranja? Resposta: «É maravilhoso!» Pode explicar melhor? Sorri-me como resposta...e eu retorqui: finalmente conheceu os trópicos! Agora pode compreender-me! «Oh minha senhora já se passaram tantos anos das nossas contendendas!»

Sim mestre, mas não se esquecem! Eu estava a pintar o que sentia e foi isso que aprendi em mim, apesar das discórdias, eu estava confiante em seguir a minha intuição com algumas incertezas é certo, mas a minha rebeldia não me deixava passar essas fragilidades! A recompensa foi a liberdade de errar, acertar e voltar a errar, apesar de estar sempre a contestar...

Para o bem ou para o mal a minha formação estava a fazer-se!

Foram igualmente importantes os professores Augusto Gomes, o Demé, o Armando Alves, entre outros.

Estive em Paris nos anos 80 com uma bolsa da Gulbenkian e depois por minha conta. Foram meus tutores Eduardo Luís e Júlio Pomar.

Eduardo foi muito importante por me mostrar os caminhos da sua fantástica técnica! Júlio pelos seus *silêncios habitados* no seu ateliê que frequentemente eu visitava e nunca escondeu o que estava fazendo! A **VER** também se aprende!

A Monique Kissel, uma pintora e Professora na Universidade - «Paris Huit,»

Ajudou-me a **VER** a arte contemporânea, visitávamos feiras de Arte Internacionais e também íamos juntas a vários museus. Para mim esta aprendizagem foi o complemento da Universidade, pode-se dizer que fiz uma boa pós –graduação.

Virando a página e depois de muitos anos encontro-me em Lisboa, a trabalhar num ateliê cedido pela C.M.L, onde várias experiências realizei, desde a performance, cenários para teatro, instalações , arte pública e mais recentemente as novas tecnologias e o computador torna-se uma nova ferramenta! Apesar disso, continuo a agrafar telas à parede raramente uso o cavalete...a pintar com o corpo (literalmente!), com as mãos e raramente com os pincéis....resultado a minha estrutura óssea ressentiu-se com essa violência!

Mas vale a pena ter a sensação do vôo que tenho ao sentir como se não tivesse pára-quedas e descesse do alto de uma montanha....e as mãos quando estão inteligentes, é só seguir o corpo no espaço. Só paro quando

estou esgotada ou quando sinto que o diálogo acabou. Por isso vale a pena correr todos os riscos!

Esta exposição foi toda realizada este ano, com muito calor, muito suor, 38.880 minutos de trabalho e solidão!

Falar sobre a minha pintura não me compete e agradeço ao meu amigo, Prof. J.A.França o elogioso texto que me faz sentir mais segura, e pensar que estou mais preparada para COMEÇAR!

Gracinda Candeias

Lisboa 17 de Setembro de 2010